

HISTÓRIA DA ABELHINHA E O MÉTODO FÔNICO DE ALFABETIZAÇÃO: MODISMO OU EFICÁCIA?

HISTORY OF THE BEES AND THE PHONIC METHOD OF LITERACY: MODISM OR EFFECTIVENESS?

Elisabeth Maria de Fátima Borges¹

RESUMO

Este artigo visa analisar o método fônico de alfabetização, como um dos métodos viáveis para o processo de letramento de crianças. A metodologia utilizada consiste em uma análise da literatura, bem como os resultados práticos deste método. Assim esta pesquisa pretende contribuir para contribuir o atual debate em torno dos métodos de alfabetização no Brasil. Mostrar que as mudanças nas concepções de alfabetização ao longo da história sempre foi um processo polêmico, cercado de disputas entre métodos. Serão apresentadas as críticas bem como as defesas deste método.

Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Método Fônico.

ABSTRACT

This article aims to analyze the phonic method of literacy, as one of the viable methods for the process of children literacy. The methodology used consists of an analysis of the literature, as well as the practical results of this method. Thus, this research intends to contribute to contribute the current debate around the methods of literacy in Brazil. To show that changes in conceptions of literacy throughout history have always been a controversial process, surrounded by disputes between methods. The criticisms as well as the defenses of this method will be presented.

Keywords: Literacy. Literature. Fonic Method.

INTRODUÇÃO

Este artigo visa analisar o método fônico de alfabetização, como um dos métodos viáveis para o processo de letramento de crianças. Assim esta pesquisa pretende contribuir para metodizar o atual debate em torno dos métodos de alfabetização no Brasil.

No mundo hodierno convivemos com a constante preocupação diante de denúncias relativas à educação, ao fracasso da escola pública brasileira. Aos

¹ *Graduada em História pela UFG. Especialista em Educação para a diversidade e Cidadania. Mestre em História pela UFG. Sócia na Escola Nova Visão. Professora na FacMais, e-mail: bethbraga1@hotmail.com.*

educadores está sendo cobrada a tarefa de ressignificar a alfabetização que vem sendo oferecida. Diante do exposto fica evidenciada a necessidade de ampliação do debate dos métodos de alfabetização que vem sendo utilizados em nossas escolas públicas.

Há muitos anos existe no Brasil um debate sobre a eficácia dos métodos de alfabetização. A discussão de métodos foi e tem sido um dos aspectos mais polêmicos, em toda a história das políticas de alfabetização no Brasil. Na trajetória de uma didática de alfabetização, ora a escolha por determinado método aparece como uma solução mágica para todos os problemas, ora acontece uma negação de sua necessidade, ocasionando desgaste ou desvalorização de práticas de sucesso baseadas nessa tradição (FRADE, 2005). No Brasil. Há décadas isto vem ocorrendo. Os métodos de alfabetização ora apresentado como a salvação, e depois como algo que não serve.

Desde a década de 1990 vários países desenvolvidos, como os Estados Unidos da América, a Inglaterra e o Canadá, adotam o Método Fônico, inclusive com aprovação da Unesco. (CAPOVILLA; CAPOVILLA, 2007). Aqui no Brasil, várias escolas particulares e algumas escolas públicas adotam o Método Fônico.

O Método Fônico de Alfabetização nasceu como uma crítica ao método da soletração ou alfabético, muito usado no Brasil. O método fônico é marcado pela ênfase em ensinar a criança a associar rapidamente letras e fonemas. Este é um método que parte do ensino dos sons das letras para depois apresentar a mistura destes sons, denominados “abraçinhos dos sons” que em conjunto alcançam a pronúncia da palavra. (CAPOVILLA; CAPOVILLA, 2007). Esta pesquisa parte do seguinte problema: o método fônico de alfabetização pode contribuir para diminuir as dificuldades de nossas crianças em aprender a ler e escrever?

As problematizações do objeto aqui pesquisado ocorreram no sentido de entender as estratégias de utilização deste método de alfabetização. Algumas indagações são necessárias, como: este método pode nos ajudar a enfrentar o grave problema do fracasso da escola e da educação em nosso país?

Este artigo está dividido em 05 partes. Na primeira será abordada a questão da alfabetização no Brasil, com o intuito de mostrar quando se iniciou este processo e as mudanças nas concepções de alfabetização ao longo da história, e que este sempre foi um processo polêmico, cercado de disputas entre métodos. Em seguida,

após mostrar que hoje a disputa maior é entre o Construtivismo e o Método Fônico será abordado o Método Fônico, suas características, bem como os discursos de defesa e os críticos deste método. Na terceira parte, ao mostrar que as histórias mais utilizadas no Método Fônico no Brasil são a História da Abelhinha e a História da Casinha Feliz, será apresentado a História da Abelhinha, a mais utilizada no Brasil. Será destacado cada capítulo da história criada por Alzira Sampaio Brasil da Silva, Lúcia Marques Pinheiro e Risoleta Ferreira Cardoso, educadoras com ampla experiência de ensino e pesquisa em alfabetização. As alfabetizadoras criaram o método que foi inicialmente experimentado na cidade do Rio de Janeiro, em 1965. A evidência na memorização dos sons e a preocupação com a leitura são características fundamentais do “Método da Abelhinha”. Será enfatizado que este método foi assim denominado em razão da História da Abelhinha, cujo personagem principal é uma abelhinha, que tem grande importância no enredo da história. Na quinta parte será mostrado o embate na escolha dos métodos de alfabetização no Brasil. Assim será destacado os dois discursos, bem como seus embasamentos. E por último a contribuição deste método para o desenvolvimento de competências e habilidades.

A seguir será apresentada a primeira parte, ou seja, a alfabetização no Brasil.

1. ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL

A alfabetização tem uma história de longa duração. As práticas de alfabetização não são práticas recentes. Elas estão em constante transformação desde que se necessitou ensinar alguém a ler e escrever. Não foi a instituição escolar que inventou a alfabetização. Afinal, são mais de 5.000 anos de invenção da escrita e pouco mais de dois séculos de escolarização de massa, no mundo ocidental. Isso significa que a busca de maneiras de ensinar a escrita passou, antes da escola, por espaços domésticos e outros espaços privados, por iniciativas informais e só depois por sistemas públicos de ensino. (FRADE, 2005).

Todavia desde o final do século XIX a alfabetização se tornou fundamento da escola obrigatória, laica e gratuita. A partir de então a leitura e a escrita se

tornaram objeto de ensino e aprendizagem escolarizados, ou seja, a alfabetização foi submetida à organização sistemática. (MORTATTI, 2006).

Assim no âmbito dos ideais republicanos, saber ler e escrever se tornou instrumento privilegiado de aquisição de saber/esclarecimento e imperativo da modernização e desenvolvimento social. A leitura e a escrita — que até então eram práticas culturais, cuja aprendizagem se encontravam restritas a poucos, e ocorria por meio de transmissão assistemática de seus rudimentos no âmbito privado do lar, ou de maneira menos informal, mas ainda precária, nas poucas “escolas” do Império tornaram-se fundamentos da escola obrigatória, leiga e gratuita e objeto de ensino e aprendizagem escolarizados. (MORTATTI, 2006). Diante do exposto fica evidenciado que a prática do letramento era restrita às classes mais privilegiadas economicamente.

Portanto na República, as práticas de leitura e escrita passaram a ser submetidas ao ensino organizado, sistemático e intencional, demandando, para isso, a preparação de profissionais especializados. Visto desta forma os processos de ensinar e de aprender a leitura e a escrita na fase inicial de escolarização de crianças se apresentaram como um momento de passagem para um mundo novo, tanto para o Estado, quanto para o cidadão: o mundo público da cultura letrada, que instaurava novas formas de relação dos sujeitos entre si, com a natureza, com a história e com o próprio Estado. (MORTATTI, 2006).

O complexo momento histórico da alfabetização no Brasil pode ser dividido em quatro momentos distintos, cruciais, onde cada um dos momentos é marcado por um “novo” sentido atribuído à alfabetização, como resultado de um processo de “querela dos métodos de alfabetização”. O primeiro momento seria compreendido entre 1876 a 1890 e seria composto pela disputa entre o então “novo” método de palavração e os “antigos” métodos sintéticos (alfabético, fônico e silábico). Este seria o período de metodização do processo de aquisição de leitura e de escrita. O segundo momento desta disputa seria compreendido entre 1890 a 1920, uma “guerra” acirrada entre os defensores do então “novo” método analítico e dos “antigos” métodos sintéticos. Já no terceiro momento, compreendido entre meados da década de 1920 ao final da década de 1970 seria a disputa entre os defensores dos “antigos” métodos de alfabetização (sintéticos e analíticos) e dos então novos testes ABC que eram utilizados para a verificação da maturidade necessária ao

aprendizado de leitura e escrita, que decorreriam da introdução dos “novos” métodos mistos de alfabetização. No quarto momento, compreendido entre meados da década de 1980 a 1994 ocorreu a disputa entre os defensores da então “nova” perspectiva construtivista e os defensores dos “antigos” testes de maturidade, bem como dos defensores dos “antigos” métodos de alfabetização. (MORTATTI, 2006). Estamos vivenciando este quarto momento, mas que agora a disputa é mais acirrada entre os métodos: Construtivista e Fônico.

Nas últimas décadas no Brasil as evidências que sustentam originariamente essa associação entre escola e alfabetização vêm sendo questionadas. Isto ocorre devido as dificuldades de se concretizarem as promessas e os efeitos pretendidos com a ação da escola sobre o cidadão. Esta situação é explicada como problema decorrente, ora do método de ensino, ora do aluno, ora do professor, ora do sistema escolar, ora das condições sociais, ora de políticas públicas. O que não mostram é que a recorrência dessas dificuldades de a escola dar conta de sua tarefa histórica fundamental não é, porém, exclusiva de nossa época. Passados mais de cem anos desde a implantação, em nosso país, do modelo republicano de escola, podemos observar que, desde essa época, o que hoje denominamos “fracasso escolar na alfabetização” se vem impondo como problema estratégico a demandar soluções urgentes e vem mobilizando administradores públicos, legisladores do ensino, intelectuais de diferentes áreas de conhecimento, educadores e professores. (MORTATTI, 2006).

Desde a República observam-se repetidos esforços de mudança, a partir da necessidade de superação daquilo que, em cada momento histórico, considerava-se tradicional nesse ensino e fator responsável pelo seu fracasso. No decorrer deste período por quase um século, esses esforços se concentraram, sistemática e oficialmente, na questão dos métodos de ensino da leitura e escrita, e muitas foram as disputas entre os que se consideravam portadores de um novo e revolucionário método de alfabetização e aqueles que continuavam a defender os métodos considerados antigos e tradicionais. (MORTATTI, 2006).

Desde as duas últimas décadas, a questão dos métodos passou a ser considerada tradicional, e os antigos e persistentes problemas da alfabetização vêm sendo pensados e praticados predominantemente, no âmbito das políticas públicas, a partir de outros pontos de vista, em especial a compreensão do processo de

aprendizagem da criança alfabetizanda, de acordo com a psicogênese da língua escrita. Mas o que é esse “tradicional”? Quando e por quê se engendra um tipo de ensino de leitura e escrita que hoje é acusado de "tradicional"? O que representava para a(s) época(s) em que ocorre seu engendramento? Qual sua relação com a tradição que lhe é anterior? Quanto desse “tradicional” subsiste nas práticas alfabetizadoras, mesmo nas dos professores que querem superá-las? Como se pode explicar sua insistente permanência? Como dialogam entre si a tradição e os repetidos esforços de mudança em alfabetização? (MORTATTI, 2006). Estas problematizações não são nada fáceis de se responder.

Várias revistas educacionais noticiam o sucesso de escolas de países desenvolvidos, que, após pesquisas sobre a eficácia dos diferentes métodos na aquisição da leitura, optaram pela utilização do Método Fônico de Alfabetização. Este foi o caso dos Estados Unidos da América, que hoje utilizam o método fônico em quase 100% de suas escolas. (CAPOVILLA; CAPOVILLA, 2007).

No Brasil a Universidade de São Paulo (USP) vem realizando pesquisas sobre a eficácia do Método Fônico em escolas públicas e particulares, cujos resultados estão confirmando as bibliografias internacionais que defendem a eficácia deste método, inclusive em crianças que apresentam dificuldades de fala e distúrbio motor. (CAPOVILLA; CAPOVILLA, 2007).

São indicativos que demonstram o crescente aumento do número de crianças fracassadas na vida escolar as questões familiares, afetivas, econômicas, a injustiça social, as questões de ordem psicológicas e ainda os problemas pedagógicos de alfabetização. (CAPOVILLA, 2007).

A alfabetização no Brasil sempre foi cercada de polêmicas, primeiramente representadas por disputas entre métodos, recentemente, após a mudança de paradigma, que passou a questionar os métodos tradicionais de alfabetização, hoje vivenciamos um discurso que defende o uso do método fônico, sob a argumentação de que esse é o único método cuja eficácia é cientificamente comprovada. (NASCIMENTO, 2011).

A questão dos métodos de alfabetização é muito importante, todavia não é a única, nem a mais importante, frente as muitas outras envolvidas nesse processo multifacetado, que é a educação brasileira, cujo maior desafio é a busca de soluções para as dificuldades de nossas crianças em aprender a ler e escrever e de nossos

professores em ensiná-las. Assim qualquer discussão sobre métodos de alfabetização, que pretenda ser rigorosa e responsável, não pode desconsiderar o fato de que um método de ensino é apenas um dos aspectos de uma teoria educacional relacionada com uma teoria do conhecimento e com um projeto político e social. (MORTATTI, 2006).

O debate entre os métodos de alfabetização é urgente e fundamental para que o quadro de fracasso escolar possa ser mudado. Outros aspectos também precisam ser sanados, são as desigualdades e mesmo atitudes governamentais direcionadas à Educação. Mas continuar com um método que pressupõe que nossas crianças sejam oriundas de contextos que favorecem o acesso aos mesmos níveis de informações, nos leva a restringir a alfabetização a alguns poucos grupos mais favorecidos. Tudo isso quando temos como comprovado, que os Métodos Fônicos possibilitam que as crianças sejam alfabetizadas em menos tempo e em iguais condições oferecidas pela escola. (BARROS; MIRANDA; SILVA, 2009).

Um movimento complexo, assim pode ser caracterizada a história da alfabetização no Brasil, que ao longo do período vem sendo marcado pela recorrência discursiva de mudança, indicativa de tensão constante entre permanências e rupturas, em meio a disputas de hegemonia de projetos políticos educacionais e de um sentido moderno de alfabetização. (MORTATTI, 2006). Hoje a disputa que presenciamos é mais acirrada entre o Construtivismo e o Método Fônico. A seguir será apresentado o Método Fônico de Alfabetização.

2. MÉTODO FÔNICO DE ALFABETIZAÇÃO

É notório que o desenvolvimento da linguagem implica na aquisição plena do sistema lingüístico que nos possibilita a inserção no meio social, a possibilidade de assumir a nossa identidade. Assim o simples atraso na aquisição da linguagem dificulta o amadurecimento e a experimentação da linguagem necessária para a aquisição formal da leitura/escrita. O aluno com imaturidade terá dificuldade na interpretação de textos e também na elaboração de histórias escritas, uma vez que pode levar a criança, por exemplo, a trocar, omitir ou transpor fonemas ou grafemas. Assim a criança demoraria a adquirir a autonomia dos processos de leitura e escrita ou podem culminar com problemas maiores. (LYRA; MENDES; MOUSINHO, 2008).

Pode-se definir Fonética como o ramo da Linguística que estuda a natureza física da produção e da percepção dos sons da fala humana (chamados de fones). A fonética é uma ciência histórica que estuda as evoluções dos sons. Ela é uma das partes essenciais da ciência da língua. (SAUSSURE, 1972).

O Método Fônico de Alfabetização parte dos fonemas. Assim este é um método que auxilia a criança que apresenta dificuldades no desenvolvimento da linguagem.

O Método Fônico vem apresentando ao longo dos anos de sua aplicação, excelentes resultados, mesmo entre crianças que apresentaram dificuldades com outros métodos de alfabetização, e até mesmo crianças que tem diagnosticado problemas de aprendizagem. (SILVA; PINHEIRO; CARDOSO, 1973).

O método fônico parte do conceito de decodificar, ou seja, aplicar um código para descobrir o sentido da escrita, a mensagem. O método Fônico parte da correspondência entre sons e letras. Neste processo os sons das letras são apresentados como “barulhinhos”. Cada letra, ou som, é apresentado como um barulhinho que os personagens fazem no decorrer da história. E a letra é apresentada como o “retratinho” do som. (SILVA; PINHEIRO; CARDOSO, 1973).

O método se vale dos recursos fônicos (barulhinhos das letras) e visuais (cartazes, fantoches). Assim cada letra se equivale a um personagem ou elemento da história, cujo nome se inicia com a letra determinada. Assim temos: letra a (abelhinha), letra e (escova mágica), e assim por diante. Nos cartazes que são afixados no Mural cada letra vem integrada ao desenho de seu personagem. Isto facilita a memorização do código, bem como o acesso dos alunos para consultas, em caso de dúvidas. (SILVA; PINHEIRO; CARDOSO, 1973).

O Método Fônico é baseado no ensino dinâmico do código alfabético, ou seja, das relações entre grafemas e fonemas em meio a atividades lúdicas planejadas para levar as crianças a aprenderem a codificar a fala em escrita, e, de volta, a decodificar a escrita no fluxo a fala e do pensamento. Ele é inteligente, lúdico e nada mecânico. Por este método as crianças são alfabetizadas em quatro a seis meses. (CAPOVILLA; CAPOVILLA, 2005).

No método fônico, a alfabetização se dá através da associação entre símbolo e som. Para que o alfabetizando se torne capaz de decifrar milhares de palavras, ela aprende a reconhecer o som de cada letra. No processo de

alfabetização quando se usa o método fônico se melhora a compreensão do texto. No método ideovisual, como o Construtivista, onde o professor oferece o texto, o que acontece é que a criança tende a memorizar as palavras. Assim em três meses uma criança está lendo o que não lia em dois anos sob o método ideovisual. As professoras que empregam o método fônico ficam maravilhadas com sua eficácia. Para aprender é necessário decodificar. Decodificar nada mais é do que converter os grafemas em fonemas. Quando pensamos em palavras usamos nossa voz interna. Quando lemos em voz baixa escutamos nossa voz. Isto é o processo fônico: a invocação da fala interna em presença do texto. O método ideovisual desestimula esta fala interna. Ele tenta estimular a leitura visual direta, portanto, a memorização. (CAPOVILLA; CAPOVILLA, 2005).

A atual proposta do método fônico vem sendo apresentada desde o início do século XX por seus defensores, que apoiados em resultados de avaliações de instituições nacionais e internacionais, avaliações estas empregadas com o intuito de verificar o desempenho das escolas e dos alunos do ensino fundamental e médio, quanto no exemplo de países desenvolvidos, pesquisadores brasileiros passaram a buscar “novas” explicações e “novas” propostas de solução para a “crise de alfabetização” no Brasil. Assim diante destas propostas vem se destacando a de Alessandra e Fernando Capovilla, que é apresentada no livro “Alfabetização: Método Fônico”. Ambos são psicólogos e atuam no Laboratório de Neuropsicologia Cognitiva Experimental da USP (Universidade de São Paulo). Ambos são autores de livros e artigos onde apresentam resultados de pesquisa que apontam o método fônico como muito eficaz. Publicado pela Editora Memnon, o livro “Alfabetização: Método Fônico” figura entre os mais vendidos pela Editora. Nesta obra os autores ressaltam a eficácia da proposta do Método Fônico em vários países, como: França, Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, Itália, Austrália, Escócia, Irlanda, Suécia, Noruega, Bélgica, Finlândia, Chile, Cuba, Israel e Portugal. (MORTATTI, 2006).

Para justificar a importância do Método Fônico Capovilla reiteram críticas ao Construtivismo, que por ser o modelo adotado no Brasil e indicado pelos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) é apontado pelos autores como o responsável pelo fracasso em alfabetização no Brasil, nas últimas décadas. (MORTATTI, 2006).

No Método Fônico a introdução inicial dos fonemas, que são os sons das letras, dá-se por meio de histórias que são criadas para que as crianças identifiquem

a relação grafema/ fonema, ou seja, a letra e o som. As histórias mais utilizadas no Brasil são: a História da Abelhinha e a História da Casinha Feliz. (CAPOVILLA; CAPOVILLA, 2005).

A seguir será apresentada a História da Abelhinha.

3. HISTÓRIA DA ABELHINHA

A História da Abelhinha é um método de autoria de Alzira Sampaio Brasil da Silva, Lúcia Marques Pinheiro e Risoleta Ferreira Cardoso, educadoras com ampla experiência de ensino e pesquisa em alfabetização. Elas criaram o método que foi inicialmente experimentado na Escola Guatemala, na cidade do Rio de Janeiro, em 1965. A evidência na memorização dos sons e a preocupação com a leitura são características fundamentais do “Método da Abelhinha”, que foi assim denominado em razão da História da Abelhinha que acompanha o Guia do Mestre e o Guia de Aplicação. Nesta história o personagem principal é uma abelhinha, que tem grande importância no enredo da história. Na utilização do método em estudo são usados prioritariamente recursos fônicos e visuais. (CAPOVILLA; CAPOVILLA, 2005).

FIGURA 1 Cartaz da Abelhinha do Processo Fônico



FONTE: <http://www.google.com.br/imgres?q=historia+da+abelhinha>

O cartaz acima é o da Abelhinha a principal personagem da história. Percebe-se que no cartaz é apresentada o “retratinho” do “barulhinho” da abelhinha, ou seja, o grafema do fonema, juntamente ao desenho da personagem da História. A exposição do cartaz a uma livre consulta das crianças, aliada à leitura diária facilita a memorização, bem como o aprendizado.

O “Método da Abelhinha” apresenta três etapas seguidas de objetivos, duração, recomendações e sugestões de atividades. De acordo com os Guias, as etapas são as seguintes: Período Preparatório ou Integração da Criança, História ou Início da Alfabetização e Completando a Alfabetização.

O ponto central do “Método da Abelhinha” ou Início da Alfabetização é a apresentação da “História da Abelhinha” organizada de forma continuada e dividida em sete capítulos, onde os personagens são apresentados e associados a sons e letras. (CAPOVILLA; CAPOVILLA, 2005).

No início da Alfabetização, ou seja, do segundo ao quinto capítulo da História as consoantes são apresentadas seguindo a seqüência do “Método da Abelhinha”, no entanto, sendo introduzida uma de cada vez. Paralelamente são realizados exercícios de fixação, interligando os sons aos personagens da história. Dentre estas atividades que podem ser realizadas destacam-se: leitura oral, cópia de sons, identificação do som inicial, união de consoantes e vogais, ditado, identificação das vogais e consoantes maiúsculas e minúsculas e a utilização dos cartazes e código de sons.

O alfabeto mural é composto de 23 cartões coloridos, cujas letras são integradas aos desenhos dos personagens da História da Abelhinha. À medida que cada capítulo da história vai sendo contado, os desenhos vão sendo afixados mural, para que a criança estar constantemente visualizando-os. O professor dispõe de duas coleções destes cartazes. Uma fica afixada no mural e outra o professor manuseia diariamente, utilizando-os para fazer a leitura dos barulhinhos (sons) com os alunos. (SILVA, PINHEIRO, CARDOSO, 1973).

O primeiro capítulo da história da abelhinha se refere às vogais. Antes de contar a história é realizada toda uma motivação. A professora fala aos alunos que na próxima semana ela contará aos alunos uma história mágica, e que esta história é capaz de fazer a mágica de ajudar os alunos a aprender a ler, pois esta história ensina o código da leitura. (SILVA, PINHEIRO, CARDOSO, 1973) Assim a motivação juntamente à fixação são as peças chaves deste processo.

Na primeira etapa são apresentadas as vogais, as principais personagens da história. A história consiste basicamente em uma aventura de uma abelhinha (fonema a) que nasceu com apenas uma asa, e que por não conseguir voar ela se cansa facilmente nas brincadeiras e exclama: aaaaaa!!!!. Seus amigos de brincadeira

são uma escova mágica (fonema e), que por ser mágica sempre diz que uma voz rouca e misteriosa: é, ê. Brincam também com um indiozinho (fonema i) que vive a gritar: iiiiii. E também com um levado ursinho (fonema u) que para assustar os amigos se esconde atrás de uma moita e faz: uuuuuuu. (SILVA, PINHEIRO, CARDOSO, 1973).

Após a apresentação deste capítulo da história durante toda uma semana são trabalhados um por dia, os “retratinhos” dos “barulhinhos”, ou seja, o grafema dos fonemas. Inicialmente o(a) professor(a) escreve o “retratinho” no quadro, bem lentamente, depois ela pede que os alunos façam no ar, junto a ela o movimento da escrita. Depois pede que eles vão, um a um no quadro, e passe o dedinho sobre o “retratinho” do “barulhinho”, em seguida são levados ao pátio onde a o aluno é convidado para passar o dedinho sobre o “retratinho” do “barulhinho” feita de lixa. Depois os alunos são levados ao pátio, onde o(a) professor(a) escreve o “retratinho” do “barulhinho” no chão e a criança caminha sobre ela na forma correta de escrever. Apenas depois é que o aluno é convidado a escrever em um caderno rascunho, o caderno borrador o “retratinho” do “barulhinho”. E assim, um por dia, são trabalhadas as vogais. (SILVA, PINHEIRO, CARDOSO, 1973).

No segundo capítulo da história da abelhinha aparece o conjunto de consoantes: v, d, l, m, o vagalume, a dália, o lobo e a minhoca. Este conjunto é trabalhado por toda a semana. Diariamente é lembrado o primeiro capítulo da história, bem como a fixação do segundo capítulo. A leitura diária é aliada a escrita das letras, os retratinhos dos barulhinhos (fonemas). (SILVA, PINHEIRO, CARDOSO, 1973).

No terceiro capítulo aparece o conjunto de consoantes: p, g, r, t, ou seja, os barulhinhos da pipa, do gato Golias, do rato Rock Rock, e da torre da igreja. Este conjunto também é trabalhado por toda a semana. E diariamente é lembrado o primeiro e o segundo capítulo da história, bem como a fixação do terceiro capítulo. Novamente a leitura diária é aliada a escrita das letras, os retratinhos dos barulhinhos (fonemas). (SILVA, PINHEIRO, CARDOSO, 1973).

No quarto capítulo da história é trabalhado o conjunto de consoantes: b, s, j, n, ou seja, os barulhinhos do bule da vovó, do sapo, do jacaré e do neném, o netinho da vovó. Este conjunto também é trabalhado por toda a semana. E diariamente também é lembrado o primeiro, o segundo, e o terceiro capítulo da história, bem

como a fixação do quarto capítulo. Nesta semana também a leitura diária é aliada a escrita das letras, os retratinhos dos barulhinhos (fonemas). (SILVA, PINHEIRO, CARDOSO, 1973).

No quinto capítulo da História da Abelhinha é apresentado o conjunto de consoantes: f, c, z, x, ou seja, os barulhinhos da faca da vovó que corta o pão, do caracol, da zebra de brinquedo do neném, e do xaveco, outro brinquedo do neném. Este conjunto também é trabalhado por toda a semana, também diariamente é lembrado o primeiro, o segundo, o terceiro e o quarto capítulo da história, bem como a fixação do quinto capítulo. Nesta semana também a leitura diária é aliada a escrita das letras, os retratinhos dos barulhinhos (fonemas). (SILVA, PINHEIRO, CARDOSO, 1973).

Após a fixação da leitura e escrita de todos os barulhinhos são apresentados os abraçinhos dos barulhinhos, ou seja, as sílabas. Nesta etapa o(a) professor(a), com o uso dos fantoches, conta aos alunos que estava vindo á caminho da escola quando encontrou a abelhinha na esquina, e que ela estava sozinha, então o(a) professor(a) escreve no quadro a vogal a, mas que de repente chegou o índio e deu um abraço bem gostoso na abelhinha, diz isto unindo os fantoches no abraço e em seguida coloca no quadro o barulhinho do índio (i) junto ao barulhinho a abelhinha (a). então o(a) professor(a) pergunta quem chegou primeiro, e os alunos afirmam que foi a abelhinha, o(a) professor(a) convida os alunos a ler como ficou os barulhinhos reunidos, primeiro a abelhinha e depois o índio, mas que é para ler o abracinho junto e assim os alunos vão lendo os abracinhos, inicialmente de vogais (ai, oi, ia, eu), depois de consoantes com vogais (ma, pa, te, so, va). (SILVA, PINHEIRO, CARDOSO, 1973).

A próxima etapa, geralmente apresentada uns quinze dias depois da fixação dos abraçinhos consiste na formação de palavras. A professora escreve no quadro palavras simples e as apresenta como novos abraçinhos, cada barulhinho é escrito com o giz de uma cor. (SILVA, PINHEIRO, CARDOSO, 1973). E assim partindo de palavras como ovo, uva, vovó, depois mala, cama, lua, os alunos vão lendo de forma prazerosa e lúdica.

Na ultima etapa são apresentados a harpa de brinquedo do neném (h), que por ser de plástico não emite som. E em seguida os abraçinhos nh, cl, lh. E assim a criançada vai lendo até palavras com as dificuldades apresentadas acima.

4. CRÍTICAS AO MÉTODO FÔNICO NO BRASIL

Nos países desenvolvidos os embates sobre a escolha de métodos de alfabetização remonta a década de 1950. Neste embate de um lado estavam os defensores do método fônico que defendia que os alunos deveriam aprender a ler associando grafemas (letras) a fonemas (sons) e do outro lado os construtivistas que defendiam que o aprendizado da leitura deveria ser um ato “natural”, que deveria ser exercido através de textos naturais, e não com cartilhas, que eles consideram textos artificiais. O ápice deste embate ocorreu na década de 1990 e se regularizou na década de 2000, onde a maioria deles optou pelo método fônico. No Brasil o ex-Ministro da Educação Fernando Haddad, tal como o professor da USP, Fernando Capovilla, são grandes defensores do método fônico, como muito eficaz. (SCHWARTSMAN, 2009).

Uma pesquisa realizada em 1999 e apresentada ao Congresso Nacional em fevereiro de 1999 concluiu que as crianças alfabetizadas pelo método fônico desenvolvem melhor a capacidade de compreensão e interpretação de textos, além de melhorar a expressão oral. Pesquisas internacionais como a da International Reading Association (Associação Internacional de Leitura), dos Estados Unidos, também defendem a utilização do método fônico. Segundo dados desta associação 98% das escolas norte-americanas utilizam o sistema em seus programas de alfabetização. (KAMINSKI, 2013).

Em 2006, quando Fernando Haddad propôs um debate sugerindo a revisão dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) da educação básica, os defensores do método fônico tentaram colocá-lo como método oficial no Brasil. (SCHWARTSMAN, 2009).

Todavia os defensores do método construtivista, que ainda tem seu uso predominante nas escolas públicas e privadas do país, resistiram. Uma das expoentes deste embate é a professora Silvia Collello, que também é professora da USP, a pedagoga refuta o método fônico defendendo que estes métodos, que ela denomina “cartilhescos”, enfatiza o código escrito e desestimula os alunos, por ser artificial. (SCHWARTSMAN, 2009). O método Construtivista, também denominado de analítico ou global, parte das frases que se examinam e se comparam para, que

no processo de dedução, o alfabetizando encontre palavras idênticas, sílabas parecidas e seja capaz de discriminar os signos gráficos do sistema alfabético. Diante do impasse Haddad desistiu de recomendar um método oficial para o Brasil. Mas, hoje, sem alardes o método fônico vai a cada dia ganhando mais espaço nas escolas brasileiras. (SCHWARTSMAN, 2009).

Os pesquisadores defensores do Construtivismo, como Telma Weisz, criticam o método fônico, dizendo que ele ignora o que a criança já sabe e reduz o aprendizado a um processo mecânico, enquanto o método construtivista é natural por partir de diversas formas de texto. (KAMINSKI, 2013).

Já os defensores do método fônico, como Capovilla, diz que o método fônico não impede a introdução de novos textos no aprendizado, e que isto ocorre apenas quando o aluno tiver a capacidade de decodificá-lo. (KAMINSKI, 2013).

Um das críticas ao Método Fônico é a de que suas pesquisas que vem ocorrendo, desde o final da década de 1980, sobre o papel da consciência fonológica na alfabetização tendem, via de regra, a não assumir uma conotação de perspectiva construtivista de ensino e aprendizagem, assim acontece com as teses de Capovilla, aqui no Brasil, e de Bradley, Bryant no exterior. E que os defensores do Método Fônico tratam a aprendizagem do alfabeto como um simples processo de associação de grafemas e fonemas que, supostamente, seria viabilizado pelas informações que o adulto forneceria prontas ao aprendiz. (MORAIS, 2010).

Outros pesquisadores defendem que existe a possibilidade de se aliar o processo fônico com o construtivista. Mostram que é possível, e adequado, examinar o papel da consciência fonológica, adotando uma perspectiva epistemológica construtivista. Ou seja, sem cair numa visão de tipo empiristaassociacionista, que agrada aos defensores do Método Fônico, e superando os preconceitos revelados pelos defensores do Construtivista elaborar atividades alfabetizadores que alie os dois métodos. (MORAIS, 2010).

5. MÉTODO FÔNICO E O DESENVOLVIMENTO DAS COMPETÊNCIAS

O método fônico, juntamente ao método multissensorial são indicados para as crianças dislexas. O método multissensorial (MONTESSORI, 1948) visa combinar diferentes modalidades sensoriais no ensino da linguagem e escrita às crianças. Ao

unir as modalidades auditiva, visual, sinestésica e tátil, facilita a leitura e a escrita ao estabelecer a conexão entre aspectos visuais, auditivos e sinestésicos. Sua principal técnica é soletrar oral simultâneo. (CAPOVILLA; CAPOVILLA, 2005).

O método fônico desenvolve as habilidades metafonológicas e ensina as correspondências grafo-fonêmicas de modo a levar o alfabetizando a adquirir leitura e escrita competentes. Ele se baseia na constatação experimental de que as crianças com dificuldades de leitura e dislexias têm dificuldades em discriminar, segmentar e manipular, de forma consciente os sons da fala. Segundo os resultados dos estudos brasileiros e internacionais a importância do ensino fônico para a alfabetização é a de que este método busca desenvolver três grandes competências dos alunos: consciência fonológica, conhecimento das correspondências grafofonêmicas, produção e interpretação de textos. (CAPOVILLA; CAPOVILLA, 2005).

A consciência fonológica é a habilidade de discriminar e manipular os segmentos da fala. Ela é um quesito fundamental para a aquisição de leitura e escrita. O método fônico apresenta várias atividades de consciência fonológica de forma lúdica. Assim o ensino explícito e sistemático das correspondências entre as letras e os sons se torna um quesito fundamental para a aquisição de leitura e escrita. Assim ao compreender como esta correspondência entre letra e som ocorre os sólidos fundamentos da leitura e da escrita são muito mais facilmente apreendidos pela criança, cuja competência nestas habilidades desenvolve-se, então, de modo rápido, certo e seguro. A introdução da letra cursiva desde o início facilita a escrita. (CAPOVILLA; CAPOVILLA, 2005).

A facilidade de interpretação de texto é uma das características dos alfabetizados pelo método fônico. (CAPOVILLA; CAPOVILLA, 2005).

Várias escolas, públicas e particulares, em todo o país, vêm utilizando com sucesso o método fônico. Uma delas é uma escola pública em Marília, no Estado de São Paulo, denominada Escola Municipal Fundamental Professor Néelson Garibaldi (KAMINSKI, 2013). No Estado de Goiás esta realidade também vem acontecendo. No município de Itauçu-Go todas as escolas de alfabetização, sejam municipais ou particulares, vem utilizando o Método da Abelhinha como oficial há mais de vinte anos. Outros municípios goianos há professores que utilizam o Método da Abelhinha, apesar deste não ser o método oficial, como no município de Goianira.

No município de Inhumas a maioria das escolas particulares, usam o Método da Abelhinha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre as críticas ao Método Fônico está a de que embora esteja sendo anunciado como uma “boa-nova”, e que ele não é pioneiro, nem pode ser considerado como uma solução científica efetiva, com eficácia, cientificidade e atualidade. (MORTATTI, 2006).

Geralmente, quando se parte para a discussão do fracasso das escolas brasileiras em alfabetizar, o debate tende a assumir a polarização entre os defensores de métodos. Esta denominada “querela” dos métodos acaba por falsear a realidade e pouco contribui para um enfoque sério do problema. (MORAIS, 2010).

Diante do exposto fica evidenciado que no Brasil história da alfabetização tem sua face mais visível na história dos métodos de alfabetização, que desde o final do século XIX, vêm-se gerando tensas disputas relacionadas com "antigas" e "novas" explicações para um mesmo problema: a dificuldade de nossas crianças em aprender a ler e a escrever. Assim estas disputas em torno de métodos de alfabetização, visando a enfrentar esse problema vêm engendrando uma multiplicidade de tematizações, normatizações e concretizações, caracterizando-se como um importante aspecto dentre os muitos outros envolvidos no complexo movimento histórico de constituição da alfabetização como prática escolar e como objeto de estudo/pesquisa. Assim a história da alfabetização no Brasil pode ser vista como a disputa pela hegemonia de determinados métodos. (MORTATTI, 2006).

A questão da escolha dos métodos de alfabetização é importante, mas não é a única, na solução dos problemas da alfabetização no Brasil. O método de alfabetização é apenas um dos aspectos de uma teoria educacional relacionada com a teoria do conhecimento e com um projeto político e social. A questão que se põe hoje é a de que é preciso pensar mais seriamente em todos os aspectos envolvidos nesse processo complexo e multifacetado que é a alfabetização. E em nosso maior desafio que é a busca de soluções para se enfrentarem as dificuldades de nossas crianças em aprender a ler e a escrever e de nossos professores em ensinar. (MORTATTI, 2006).

Assim pode-se concluir que o Método fônico não pode ser visto apenas como um modismo, mas também não deve ser encarado como a solução mágica de todos os nossos problemas de alfabetização. É um bom método, que apresenta bons resultados, mas que deve ser visto apenas como uma ferramenta a mais na melhoria de nossa qualidade de educação, que deve ser aliada a outros fatores, como a melhoria das condições de trabalho dos professores, de melhores salários, e uma formação inicial e continuada de qualidade, de materiais didáticos, bem como da melhoria da qualidade de vida da população, pois crianças bem alimentadas terão melhores condições de aprender.

REFERÊNCIAS

BARROS, Graciele Lima; MIRANDA, Brenda Aparecida da Silva, SILVA, Suayhane Tupyharo Lins da. *Método Fônico: A Eficácia do Método Fônico no Processo de Alfabetização*. In Jandira: Eça de Queiroz, 2009. In: <http://www.faceq.edu.br/doc/A%20Eficacia%20do%20Metodo%20Fonico%20no%20Processo%20de%20A.pdf> (Acesso dia 10/01/2013).

CAPOVILLA, Alessandra G. S.; CAPOVILLA, Fernando C. *Alfabetização: método fônico*. 4. Ed. São Paulo: Memnon, 2007.

_____. *Alfabetização Fônica: construindo competências de leitura e escrita*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

CUNHA, Maristela Schmitt Pinto da. *Método Fônico: na contramão da alfabetização*. In: http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2006/Formacao_do_Professor/Painel/12_09_02_PA382.pdf (Acesso em 27 de março de 2016).

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva (et al.). *Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. (Coleção Didática e prática de ensino). In: http://www.fae.ufmg.br/endipe/livros/Livro_1.pdf. (Acesso dia 16/01/2013).

_____. *Métodos e Didáticas de Alfabetização: história, características e modos de fazer de professores*. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

FREITAS, Patricia Gomes de. *Um olhar sobre o Método Fônico*. Londrina: UEL, 2011. (Graduação em Pedagogia).

Elisabeth Maria de Fátima Borges. *História da Abelhinha e o Método Fônico de alfabetização: modismo ou eficácia?*

KAMINSKI, Kristhian; GIL, Patrícia (Orgs). *Questão de método*. Belo Horizonte, Autêntica, 2010.

LYRA, Luciana; MENDES, Luciana; MOUSINHO, Renata (et al). *Aquisição e desenvolvimento da linguagem: dificuldades que podem surgir neste percurso*. Revista Psicopedagogia. Vol.25. Nº 78. São Paulo: UFRJ, 2008.

MORAIS, Artur Gomes de. A pesquisa Psicolinguística de tipo construtivista e a formação de alfabetizadores no Brasil. In: KAMINSKI, Kristhian; GIL, Patrícia (Orgs). *Questão de método*. Belo Horizonte, Autêntica, 2010, p. 21-37.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *A “querela dos métodos” de alfabetização no Brasil: contribuições para metodizar o debate*. Revista ACOALF Aplp: Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua portuguesa, São Paulo, ano 3, n. 5, 2008. Disponível em: <http://www.acoalfaplp.net>. Publicado em: setembro 2008. (Acesso dia 10/01/2013).

_____. *História dos Métodos de Alfabetização no Brasil*. In: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf *Palestra Proferida em 2006*. (Acesso dia 16/01/2013).

NASCIMENTO, Raquel Oliveira do. *Reinvenção Ou Retrocesso? Refletindo Sobre Alfabetização*. Revista Linguagem: teoria, análise e aplicações. Vol 06. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011. In: http://www.pgletras.uerj.br/linguistica/textos/livro06/LTAA06_a12.pdf (Acesso dia 16/01/2013).

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1972.

SILVA, Almira Sampaio Brasil da; PINHEIRO, Lúcia Marques; CARDOSO, Risoleta Ferreira. *Método Misto de Ensino da Leitura e da Escrita e História da Abelhinha – Guia do Mestre*. 7. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.

SCHWARTSMAN, Hélio. *Método Fônico avança na alfabetização*. São Paulo: Folha de São Paulo, 2009. (Seção Folha Cotidiano – dia 26 de outubro de 2009).